



## CAPÍTULO 3

# A DINÂMICA DO COLAPSO NO SISTEMA DE SAÚDE: UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA DA COMUNICAÇÃO DA GESTÃO DA PANDEMIA NO ESPÍRITO SANTO

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272511093>

Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo

**RESUMO:** Trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutoramento em Cognição e Linguagem que promove uma análise cognitiva e discursiva acerca da dinâmica do colapso no sistema de saúde instaurada no discurso de comunicação da gestão da Pandemia da COVID-19 no estado o Espírito Santo. A análise fundamenta-se nos desdobramentos da metáfora conceptual SITUAÇÃO-PROBLEMA É CONTÊINER PRESSURIZADO e estrutura-se nas dimensões da experiência da dinâmica de forças (Talmy, 2000) pela sequência teórico-metodológica: a pressão no contêiner; o mal iminente (colapso); a proposta de alívio e a proposta de fortalecimento do contêiner. Como principal resultado, observou-se que a dinâmica do colapso foi usada como recurso cognitivo-discursivo-retórico para justificar a ação política de prioridade de abertura de leitos de UTI em detrimento a investimentos em hospitais de campanha. Outrossim, o colapso iminente foi construído discursivamente como a ameaça próxima que estruturou a Retórica do temor já anunciada por Aristóteles e Charaudeau como peça fundamental no maquinário da gerência das paixões (temor).

**PALAVRAS-CHAVE:** metáfora conceptual, discurso político, gestão da Pandemia, sistema de saúde

## THE DYNAMICS OF COLLAPSE IN THE HEALTH SYSTEM: A COGNITIVE-DISCURSIVE ANALYSIS OF COMMUNICATION ON PANDEMIC MANAGEMENT IN ESPÍRITO SANTO

**ABSTRACT:** This is an excerpt from a doctoral research in Cognition and Language that promotes a cognitive and discursive analysis about the dynamics of the collapse in the health system established in the communication discourse of the

management of the COVID-19 Pandemic in the state of Espírito Santo. The analysis is based on the unfolding of the conceptual metaphor SITUATION-PROBLEM IS A PRESSURIZED CONTAINER and is structured in the dimensions of the experience of force dynamics (Talmy, 2000) by the theoretical-methodological sequence: the pressure in the container; impending evil (collapse); the relief proposal and the container strengthening proposal. As a main result, it was observed that the dynamics of the collapse was used as a cognitive-discursive-rhetorical resource to justify the political action of giving priority to opening ICU beds to the detriment of investments in field hospitals. Furthermore, the imminent collapse was discursively constructed as the close threat that structured the Rhetoric of fear already announced by Aristotle and Charaudeau as a fundamental piece in the machinery of managing passions (fear).

**KEYWORDS:** conceptual metaphor, political discourse, Pandemic management, health system

## INTRODUÇÃO

Este artigo investiga a metáfora conceitual SITUAÇÃO-PROBLEMA É COTÊINER PRESSURIZADO e sua especificação INSTUIÇÃO INEFICIENTE/ SISTEMA DE SAÚDE É CONTÊINER PRESSURIZADO nos discursos de pronunciamento do governador do estado do Espírito Santo, José Renato Casagrande, no período da Pandemia da COVID-19 (março de 2020 a abril de 2022), à luz da Linguística Cognitiva e da Análise do Discurso. Tem como finalidade propor uma análise à retórica do temor face à construção discursiva da iminência de um mal: o colapso no sistema de saúde. Partimos da seguinte questão-problema: de que maneira a dinâmica de forças e o esquema do contêiner podem se tornar um dispositivo cognitivo para uma estratégia discursiva? A nossa hipótese é que, a partir da resultante das forças, projeta-se um mal iminente: colapso. Isso se estabelece discursivamente pela estratégia da proximização espacial e temporal (Cap, 2013; Hart, 2010; 2014), pois anuncia um mal que se aproxima de um centro dêitico (nós- população –capixaba) no espaço criado pelo discurso, no momento do “agora” do enunciador do discurso. Logo, cria-se a retórica do temor, na medida em que o discurso se inclina a propor ações para se distanciar do mal iminente, definir as causas do mal iminente e criar a ameaça do mal iminente: a limitação do contêiner e a sua ruptura.

A pesquisa parte do seguinte objetivo específico: investigar como a dinâmica do colapso do sistema de saúde se instaura no discurso de Casagrande enquanto estratégia discursiva de proximização espacial e temporal para apresentar o mal iminente (ameaça). Para isso, serão executados os seguintes objetivos específicos: a) fazer o levantamento de veículos metafóricos, por meio de busca de palavras-chave no corpus, segundo as dimensões da experiência da dinâmica de forças: i) a pressão

(pressionado/pressionada, pressão, pressionar, força, resistir, bloquear, impedir, paralisar), ii) o alívio (aliviar, abrir (leitos), abertura (leitos)), iii) o fortalecimento (fortalecido, fortalecer, força, esforço). b) analisar os trechos do discurso pela metáfora conceptual SITUAÇÃO-PROBLEMA É CONTÊINER PRESSURIZADO e seus desdobramentos segundo a perspectivação feita pelo governador mediante o potencial domínio-fonte e domínio-alvo (VEREZA, 2020) e conforme a estratégia de proximização espacial e temporal (CAP, 2013; HART, 2010; 2014).

Diante dessa proposta de implicações da metáfora conceptual, a análise terá como fundamentação teórica os postulados de Lakoff e Johson (2002 [1980]), Vereza (2013, 2020). Acerca da dinâmica de forças a base teórica será de Talmy (2000), Croft e Cruse (2004). Sobre a metáfora no discurso político, Charteris-Black (2004, 2005, 2021), Goatly (2007). E na análise do discurso, para a retórica do temor, Aristóteles (2000) e Patrick Charaudeau (2006, 2007, 2020).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Metáfora conceptual, desdobramentos e perspectivação cognitiva

Diferente da metáfora como figura de linguagem, como um ornamento e um talento que deve ser exercitado por um exímio poeta, como orientava Aristóteles, o que investigamos nesta análise trata-se da metáfora com base na construção do pensamento, a metáfora conceptual que tem como fundante teórico George Lakoff a partir de sua obra produzida em conjunto com Mark Johnson *Metaphors We live by* em 1980. Os autores defendem que os “processos do pensamento são em grande parte metafóricos”, assim, se evidenciamos expressões linguísticas que acionam ideias metafóricas isso mostra que existem “metáforas no sistema conceptual de cada um de nós” (Lakoff & Johnson, 2002 [1980], p. 48). Logo, permite-me pensar em uma discussão em termos de guerra, no tempo em termos de dinheiro, de um bem precioso, pensar em um relacionamento amoroso em termos de uma viagem, por exemplo. Desse modo, a coerência interna, ou seja, a coerência de uma metáfora singular trata-se de um desdobramento, uma implicação da metáfora conceptual. É o que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) chamam de “coerência em uma única metáfora”. A partir da metáfora DISCUSSÃO É UMA VIAGEM os autores apresentam desdobramentos dessa metáfora conceptual central tais como VIAGENS DEFINEM UM CAMINHO, DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO. Por outro lado, como a discussão precisa ter um assunto, argumentos e conteúdos para os argumentos, logo os conteúdos devem estar contidos em algo então precisa da ideia de algo que contém algo, o contêiner, surge então a metáfora DISCUSSÃO É UM RECIPIENTE. Assim, pelas metáforas conceptuais de viagem e de recipiente há uma coerência interna para cada metáfora e suas implicações e há uma coerência entre as duas

metáforas conceituais. Assim, “a justaposição é possível porque as metáforas de VIAGEM e do RECIPIENTE compartilham implicações. Ambas permitem nos distinguir a forma da argumentação de seu conteúdo.” (Lakoff & Johnson, 2002 [1980], p. 173)

Os desdobramentos de uma metáfora conceitual não acontecem sem o fenômeno da perspectivação cognitiva. A perspectivação é um processo dinâmico cognitivo que também depende da seleção do falante acerca de elementos disponíveis do domínio-fonte para o contexto da metáfora contextual que evoca. Gonçalves-Segundo (2017, p 73) afirma que conceptualização é todo o processo cognitivo e a perspectivação conceitual é “a estruturação semântica da experiência materializada no enunciado”. Das diversas formas de perspectivação, aqui importa destacar o fenômeno estratégico discursivo chamado de proximização (Hart, 2014; CAP, 2013). Trata-se de uma operação de construção estratégica que força (cria) um espaço mental discursivo para a atuação de um endogrupo (eu/nós), um ponto de referência que se encontra no centro dêitico desse espaço discursivo criado; e um exogrupo (eles), todas as pessoas, coisas, situações que são colocadas discursivamente fora desse ponto dêitico, mas que ora pode se aproximar ou se distanciar desse espectador central. Trata-se de dêixis porque refere-se a lugar (aqui/ali), ao tempo (agora), à pessoa (nós/eles). “Proximização é conceito cognitivo e sociopsicológico que se estrutura em uma operação de construção dêitica espaço-temporal” (Cap, 2006, p.4). A grande relação da proximização com a metáfora é que ambos os processos cognitivos possuem o potencial de fazer predicacões, avaliações sobre uma pessoa, um evento, uma situação, etc. Dessa forma, podem juntos ser instrumentos de coerção cognitiva, já que trabalham com modificações de representação mental nos ouvintes, e emotiva, por consequência, na tentativa de provocar emoção como medo, temor. Além disso, pela proximização e pela metáfora conceitual temos uma porta aberta para a ligação cognição-discurso. (Cap, 2013).

## **A dinâmica do colapso, a dinâmica de força e a sociodinâmica a serviço da estratégia discursiva**

Não só o espaço e o tempo, mas a força é considerada um exemplo de domínio básico incorporado diretamente para a experiência humana em seus níveis mais abstratos<sup>1</sup>. (Croft & Cruze, 2004). Kovecses (2020) também afirma que as metáforas conceituais são baseadas em esquemas de imagens, denominados “estruturas pré-conceituais esqueléticas” (skeletal preconceptual structures), dentre elas, pode se citar o esquema de força, como exemplo, a “emoção como metáfora de força” (Kovecses, 2020, p 9). A interação entre entidades em relação à força que exercem entre si foi investigada por Talmy (2000) e denominada dinâmica de força. Não se

<sup>1</sup> Citação no original: Other examples of basic domains besides SPACE are MATERIAL, TIME, FORCE and a host of perceptual and bodily sensations (COLOR, HARDNESS, LOUDNESS, HUNGER, PAIN etc.).(CROFT; CRUZE, 2004, p. 24)

trata só de um fenômeno da física em que um antagonista exerce uma força sobre um agonista e este por sua vez, dependendo da força que dispensa, pode continuar em repouso, resistir, ou aderir ao movimento do corpo, ou continuar no mesmo movimento que estava antes. Segundo Ferrari (2011, p. 85), a proposta de Talmy generaliza o conceito de causação, pois há o causador, o antagonista, que exerce força sobre o causado, o agonista, este que pode passar “do repouso ao movimento”. Croft e Cruze (2004) apresentam o processo de causação constituído por forças e por ação de forças diversas sobre participantes de um evento<sup>2</sup>.

O que nos interessa aqui é a extensão dessa relação física para a construção metafórica como forma de conceptualizar as interações psicológicas e sociais vistas em termos de “‘pressões’ psicossociais” e como isso vai sendo construído no fluxo do discurso analisado, estabelecendo “padrões de argumentação” ou ainda “guias para as expectativas do discurso” (Talmy, 2000, p. 409). É a extensão da dinâmica de força ao referencial social, à sociodinâmica (sociodynamics)<sup>3</sup>. Outrossim, segundo Talmy (2000, p.452- tradução nossa) “a dinâmica da força funciona extensivamente no domínio do discurso, e preeminentemente no processo de argumentação. Essa é a retórica de persuasão e inclui esforços para exortar, convencer e logicamente demonstrar”<sup>4</sup>. A dinâmica de força se desmembra para a metáfora CAUSAS SÃO FORÇAS FÍSICAS.

A dinâmica de forças foi produtiva no contexto da Pandemia no que tange ao funcionamento do sistema de saúde. É comum em algumas reportagens a palavra “represamento”, como em “represamento de cirurgias eletivas<sup>5</sup>”. Inclusive, há uma reportagem da Fiocruz cujo título é “O ‘represamento’ do atendimento em saúde no SUS<sup>6</sup>” e a palavra está entre aspas, ou seja, há uma consciência de seu uso fora do seu sentido próprio, pois *represar* está relacionado a frear, impedir de avançar, conter, deter um curso, tentar bloquear uma força contrária. No contexto da pressão sobre o sistema de saúde também é muito comum na mídia a expressão “abrir leitos”. Em busca rápida aparecem 978 000 resultados em aproximadamente 0,36 segundos<sup>7</sup>. O

<sup>2</sup> Citação direta no original: The force dynamic model is a generalization of the notion of causation, in which processes are conceptualized as involving different kinds of forces acting in different ways upon the participants of the event. (CROFT; CRUSE, 2004, p. 66)

<sup>3</sup> Como exemplo de sociodinâmica Talmy (2000, p.438) cita: “He’s under a lot of pressure to keep silent. Our government exerted pressure on that country to toe our line. Getting job security relieved the pressure on her to perform. The gang pushed him to do things he didn’t want to.”

<sup>4</sup> No original: Force dynamics functions extensively in the domain of discourse, and preeminently so in the process of argumentation. This is the rhetoric of persuasion and includes efforts to exhort, to convince, and to logically demonstrate.

<sup>5</sup> Jornal da USP – Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/represamento-de-cirurgias-eletivas-clama-por-uma-reorganizacao-do-sus/>

<sup>6</sup> O “represamento” do atendimento em saúde no SUS. Disponível em: [https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/nota\\_tecnica\\_22.pdf](https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/nota_tecnica_22.pdf)

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.google.com/search?q=abrir+leitos&oq=abrir+leitos&gs\\_lcrp=EgZjaHJvb-WUyBggAEEUYOTIHCAEQABiABDIHCAIQABiABDIHCAMQABiABDIHCAQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAYQABiABDIHCACQABiABDIHCAGQABgWGB4yCAGJEAAyFhge0gEIMjk3MmowajeoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=abrir+leitos&oq=abrir+leitos&gs_lcrp=EgZjaHJvb-WUyBggAEEUYOTIHCAEQABiABDIHCAIQABiABDIHCAMQABiABDIHCAQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAYQABiABDIHCACQABiABDIHCAGQABgWGB4yCAGJEAAyFhge0gEIMjk3MmowajeoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

contêiner também foi muito estudado no contexto da pandemia por Charteris–Black (2021, p 27) enquanto construção cognitiva produtora de metáforas conceituais para o discurso político. Seu foco foi na transitividade entre “a entidade que está contida [...] e a entidade que está impondo a contenção (o governo)”.

O contêiner nos remete também ao espaço mental criado pelo discurso, que tem base na Teoria do Espaço do Discurso (DST- Discourse Space Theory). Esta teoria descreve o mundo no discurso a partir de representações conceituais dado o espaço mental que vai sendo criado pela linguagem. (Hart, 2014). Para a metáfora do contêiner, esse espaço construído e a estratégia da proximização são artimanhas muito produtivas no discurso, principalmente no discurso político para a construção do “topoi de perigo” que origina *topos do deslocamento* (Hart, 2010). Essa estratégia discursiva de proximidade de uma ameaça iminente desvela-se em um constante alerta para o público, destinatário do discurso. Diante da brevidade do tempo e do espaço da chegada da ameaça torna-se necessária a reação imediata. Logo entra em cena a justificativa de ações políticas. (Cap, 2006; Hart, 2010). “A coerção bem-sucedida faz com que os consumidores de texto adotem certas atitudes e, consequentemente, façam ações específicas” (Hart, 2010, p.87).

Para o espaço discursivo, o contêiner primeiramente já separa o que é de dentro (endogrupo- nós), o que está no centro dêitico, e o que é de fora (exogrupo), o que normalmente será caracterizado como a ameaça, o que deve ser combatido. O contêiner é o operador do “princípio de divisão” (Hart, 2010). Assim, os advérbios “dentro/ fora”, além de verbos de movimento, farão a composição linguística desse espaço discursivo. Outrossim, um contêiner tem uma capacidade limitada, e isso será um investimento discursivo. Assim, se há insistência em “encher” o contêiner, então, o espaço interno será expandido até o ponto crítico de acontecer uma ruptura, um desastre, um colapso.

Análogo ao complexo da ruptura do contêiner, dada a extrapolação da sua capacidade máxima, Hart (2010, p. 135) fala sobre a metáfora da infraestrutura que é interpretada como um edifício: “Na INFRAESTRUTURA COMO EDIFÍCIO, sistemas e serviços públicos são representados como ‘rangidos’ e prestes a ‘colapsar’ causado por ‘estresse’ ou ‘tensão’ no ‘edifício’ de uma população ‘sobrecarregada’”. Ele ainda complementa afirmando que essa metáfora apela para um “topos do fardo”, dado esse topos, há o apelo para a implantação de uma política mais restritiva, como o caso da imigração que o autor analisa.

O que aqui chamamos de dinâmica do colapso, Hart (2010, p. 138) denomina “topos do perigo”. Segundo o autor, “a ‘pressão’ colocada na infraestrutura do país pela imigração é frequentemente relatada como a fonte de perturbação social, que é interpretada como uma ‘erupção’ dentro do ‘recipiente’ e assim constitui um *topos*

de perigo”. O autor também levanta as relações que são tecidas entre um país e uma casa. Para ele Grã-Bretanha e a casa são elementos homólogos fundidos no espaço mesclado. Diante disso, as paredes desse recipiente/casa são as políticas que protegem que está dentro. Para análise deste artigo importa investigar os elementos homólogos fundidos no espaço mesclado: sistema de saúde, contêiner/edifício, bem como as suas fortalezas, as paredes desse recipiente, as ações políticas tecidas no discurso para o fortalecimento do sistema de saúde.

## Metáfora no Discurso político

Investigar a metáfora no discurso político requer refletir sobre o discurso político sobre o fazer político, a linguagem e a função da metáfora nesse contexto. Para Chilton (2004, p. 3) a política é “uma luta pelo poder”. Charteris-Black (2005, p.4) também afirma que a “política se preocupa em adquirir, manter e sustentar poder: trata-se de como os recursos são alocados e como as ações sociais são harmonizados para fins predeterminados”. Para se manter nesse poder é necessária a ação política. Essa ação pode ser diversa, inclusive pela linguagem. E são as pequenas ações e construções políticas que “são na verdade tipos de ação linguística- isto é discurso” (Charteris-Black, 2004, p.3).

Entra em cena também aqui os benefícios da metáfora. Para Semino, a metáfora tem o potencial de “dramatizar eventos” e “polarizar contrastes para enfatizar a noticiabilidade do conteúdo de um artigo” (Semino, 2008, p. 31). Elas têm a função de representar a realidade em um aspecto particular. Podem ser usadas para “persuadir, raciocinar, avaliar, explicar, teorizar, oferecer novas conceituações da realidade [...]” (Semino, 2008, p. 31)

A metáfora também permite despertar emoções e influenciar opiniões, por isso é importante investigar seu poder persuasivo. Isso acontece porque a metáfora, em sua dimensão pragmática tem a função de avaliar uma pessoa, um evento. (Charteris-Black, 2005). Mas a maior vantagem para se usar a metáfora, segundo Charteris-Black, é que, devido a seu caráter subjacente, não pode responsabilizar seu falante, porque há uma mensagem implícita que não pode ser discutida abertamente. Para as metáforas convencionais não há perturbação no modo de perceber o mundo, uma vez que “já alcançaram a aceitação da comunidade linguística de como interagir, pensar e agir diante das situações” (Goatly, 2007, p. 27). Desse modo, se são mais convencionais, podem afetar nosso pensamento sem percebermos.

É pela via da tentativa de despertar emoções que o discurso político precisa ser tecido por uma gestão das paixões. Aqui as paixões são concebidas como “aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor [...]” (Aristóteles,

2000, p. 5). Importa destacar aqui o temor. Pelo temor a inclinação está para as coisas que representam um mal iminente e que possuem grande capacidade de destruir ou trazer danos graves ao grupo. O temor configura-se pelo que está perto e não pela lógica prevista da vida: “até os indícios de tais coisas são temíveis, porque o temível parece estar próximo; é nisso, com efeito, que reside o perigo, a aproximação do temível” (Aristóteles, 2000, p. 31). A morte, por exemplo, é uma ausência do temível, porque a morte é o fato certo na vida das pessoas, logo não se trata de um mal próximo. E assim, “o que inspira confiança é o distanciamento do temível e a proximidade dos meios de salvação” (Aristóteles, 2000, p. 35) O discurso baseado no temor é criado por uma realidade de possibilidades de sofrimento:

quando é melhor que os ouvintes sintam temor, é preciso pô-los nessa disposição de espírito, dizendo-lhes que podem sofrer algum mal, pois outros mais fortes que eles sofreram; e mostrar-lhes que pessoas como eles sofrem ou sofreram, por parte de quem não imaginavam, essas provações e em circunstâncias que não esperavam. (Aristóteles, 2000, p. 35)

É pelo temor do que se pode acontecer que é possível ir contornando a retórica do medo. Ferreira (2015, p.17) afirma que o próprio Aristóteles também já diferenciou perigo, medo e temor. Assim, “o perigo, então, está justamente na aproximação do temível e o medo, por conseguinte, é a reação natural.” Assim, para se persuadir é preciso tentar estabelecer o temor nos ouvintes para, como por consequência reacional, surgir o medo.

As paixões são fonte das investigações filosóficas e são reverberadas nos estudiosos da Análise do discurso. Outrossim, Charaudeau (2020)<sup>8</sup> afirma que o medo é concebido como uma “ameaça de perigo”, um “risco de sofrimento”. O medo é a iminência do perigo que se estrutura na fonte de uma desordem social.

O discurso político [...] insiste mais particularmente na *desordem social* da qual o cidadão é vítima, na *origem do mal* que se encarna em um adversário ou um inimigo, e na *solução salvadora* encarnada pelo político que sustenta o discurso. A desordem social é apresentada como um estado de fato ou como um estado potencial: no primeiro caso, trata-se de persuadir o público de que o mal e as vítimas existem e que não há lugar para a especulação; no segundo, em contrapartida, trata-se de criar um estado de expectativa que obriga a vislumbrar a possibilidade da existência de um mal e o desencadear de um temor gerador de angústia. (Charaudeau, 2006, p.90)

Aqui nos interessa investigar as estratégias para tentativas do despertar das emoções e não a realização desse ato, ou seja, as emoções enquanto “efeito visado”. Isso porque, segundo Charaudeau (2010, p.34) a Análise do Discurso estuda o “efeito suposto” e não tem a garantia do “efeito produzido”, é o que comporta a dramatização do discurso que faz parte da dimensão do *pathos* (Charaudeau, 2005, p.244).

<sup>8</sup> Conferência transmitida em 9 de dezembro de 2020 intitulada: A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade, promovida pelo Núcleo de Análise do Discurso UFMG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sG4Lbzt9nXI&t=4927s>. Acesso em: 18 de julho de 2021



## METODOLOGIA

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de tese de doutoramento acerca das estratégias usadas pelo governador do estado do Espírito Santo durante a comunicação da gestão da Pandemia a fim de tentar convencer a população a executar ações direcionadas, o que denominamos a Retórica da ação. O *corpus* é formado por 90 vídeos transcritos<sup>9</sup> automaticamente pelo programa Transkriptor<sup>10</sup> e posteriormente feita a conferência manualmente quanto à acurácia da potência do programa referente aos trechos utilizados na análise. Para a identificação dos veículos metafóricos foi feito o teste da metáfora a partir Procedimento de Identificação da Metáfora (PIM) desenvolvido pelo Grupo Pragglejaz<sup>11</sup>. Após o teste da metáfora, foram organizados os trechos selecionados em <sup>12</sup>*três quadros* com os seguintes critérios: i) trechos com veículo metafórico para a “pressão”, “o colapso” e “o fortalecimento” no sistema de saúde; ii) trechos com veículo metafórico para “o alívio” no sistema de saúde; iii) trechos com veículo metafórico para a “abertura” no sistema de saúde.

José Renato Casagrande é o atual governador do estado do Espírito Santo e também governador durante o período da Pandemia da Covid-19, recorte desta pesquisa. Nasceu no município de Castelo no sul do estado em que governa em 3 de dezembro de 1960. Já foi governador do Espírito Santo também em 2010 e foi eleito ainda no primeiro turno. Porém, antes de sua trajetória política no Espírito Santo, Casagrande foi senador da República, deputado federal, vice-governador e deputado estadual. De 2010 para 2018, volta novamente a ser governador do estado e é eleito novamente no primeiro turno.

## RESULTADOS E ANÁLISE

### O argumento: do hospital de campanha para leito de UTI

Desde o dia 2 de abril de 2020, o governador apresentava o hospital de campanha como uma possibilidade, mas sempre colocava em foco a necessidade de se abrir leitos nos hospitais já existentes. No dia 8 de abril de 2020, Casagrande responde à coletiva da seguinte forma:

<sup>9</sup> Os links dos vídeos e as datas estão organizados e disponíveis em arquivo que pode ser acessado em: [https://docs.google.com/document/d/1AylWciAiXl3EUvugb32u500k93Glb8Pm/edit?usp=share\\_link&oid=102734027310574152754&rtf=true&sd=true](https://docs.google.com/document/d/1AylWciAiXl3EUvugb32u500k93Glb8Pm/edit?usp=share_link&oid=102734027310574152754&rtf=true&sd=true)

<sup>10</sup> Programa Transkriptor. Disponível em: [https://transkriptor.com/pt-br/?gclid=EAlalQobChMI86jes7fK\\_wlV0kFIAB3q\\_QQ6EAAYASAAEgIKPPD\\_BwE](https://transkriptor.com/pt-br/?gclid=EAlalQobChMI86jes7fK_wlV0kFIAB3q_QQ6EAAYASAAEgIKPPD_BwE)

<sup>11</sup> O procedimento tem como base o artigo *PIM: Um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso* do Grupo Pragglejaz, com a tradução de Dalby Dienstbach Hubert, revisão da tradução: Fernanda da Costa Silva e revisão Técnica de Ana Cristina Pelosi de Macedo. Artigo disponível em: [https://www.academia.edu/258340/PIM\\_Um\\_m%C3%A9todo\\_para\\_identificar\\_palavras\\_usadas\\_metaforicamente\\_no\\_discurso](https://www.academia.edu/258340/PIM_Um_m%C3%A9todo_para_identificar_palavras_usadas_metaforicamente_no_discurso) Acesso em 27 de nov 2022

<sup>12</sup> Os trechos e os destaques dos veículos metafóricos estão disponíveis em: <https://docs.google.com/document/d/1yR9jarqoFGcU78n3SHA11JUPw68FNe/edit?usp=sharing&oid=102734027310574152754&rtf=true&sd=true>

[...] alguém me perguntou sobre tal hospital de campanha de novo, eu não respondi. Sim, a nossa prioridade é a gente requisitar hospitais particulares que estão, que estão eh com pouca atividade. *Hospital de campanha é uma possibilidade, mas primeiro nós vamos requisitar hospitais privados [...]* (Casagrande, 2020)

Assim, no dia 19 de junho Casagrande reforça a importância da criação de legados da pandemia para o sistema de saúde.

Nós nunca descartamos a construção de hospitais de hospital de campanha. Mas nós sempre dissemos que a *nossa prioridade era fazer um investimento que pudesse estar validado e com resultado pra sempre, né?* Como legado, como resultado dos investimentos que a gente tá fazendo nessa pandemia que não são *investimentos pequenos*. (Casagrande, 2020)

Nesse contexto discursivo a expressão “abrir leitos” tornou-se algo positivo como ação de enfrentamento à pandemia. Diante, disso, foi fundamental estruturar o pensamento do sistema de saúde como recipiente pressurizado que só seria “aliviado” *com a abertura de leitos de UTI para Covid-19* não hospital de campanha.

Essa estratégia do sistema pressurizado que precisava ser aliviado aparece na íntegra na fala do governador do dia 22 de maio de 2020: “hoje mesmo, nós fomos no hospital de Vila Velha, [...] *abrimos mais leitos* lá, leitos de enfermaria, leitos de isolamento semi-intensivo, pra outras enfermidades, mais *pra aliviar o sistema hospitalar* que atende covid.”.

## A pressão no contêiner: o impacto de fora para dentro

Como se trata de construção metafórica, defendemos, a redução da pressão não é uma redução física de uma força sobre uma unidade de área. Trata-se do resultado de uma disciplina pessoal e coletiva da população capixaba. Isso mostra a orientação discursiva para a escolha da expressão “redução da pressão sobre o sistema hospitalar”. Em 22 de maio de 2020, o governador afirmou: “Então assim, se a gente tem essa disciplina pessoal, se a gente tiver esse compromisso pessoal, nós manteremos um resultado coletivo e nós teremos um resultado coletivo que é a *redução da pressão sobre o sistema hospitalar*, que vamos salvar muitas vidas e vamos passar, né?” Em outra fala de 20 de maio de 2020, ele afirma: “Se a gente não tiver a colaboração de todo mundo, *o sistema vai colapsar em algum momento*”. Coloca-se então em evidência o trabalho coletivo da população para evitar o colapso no sistema.

Talmy (2000) chama a possibilidade de resultante de força de “tendência” e a relação de movimento e repouso também são vistas como a tendência para uma ação ou para uma não ação (inação). No dia 17 de abril de 2020, Casagrande já estabelece o agonista e o antagonista na fala “o impacto da crise sobre nós é muito forte”. A crise se refere à Pandemia e a força é materializada não só pela palavra “forte”, com um intensificador “muito”, mas também pelo resultado dessa força “o impacto”.

Quanto à estratégia de proximização, essa fala já separa o endogrupo (nós), o que se encontra no centro dêitico, do exogrupo, “a crise” e seu deslocamento (sobre nós) que vem em forma de impacto invadindo o centro dêitico do espaço mental do discurso. Caso específico de proximização espacial. A crise/Pandemia como exogrupo se desloca para o centro dêitico invadindo o território a partir de outros verbos de movimento. Para fazer o deslocamento no espaço do discurso, a Pandemia “chega” para a população, ela passa, “esperamos que essa pandemia seja passageira e será passageira (2 de abril de 2020); ela cresce, ela vem, ela se desenrola (14 de abril de 2020), ela se movimenta em uma onda, ela escala, faz subida (14 de maio de 2020), ela entra em comunidades vulneráveis (10 de junho de 2020), ela avança no estado, se alastra (26 de agosto de 2020), tem uma trajetória (26 de agosto de 2020), se comporta, nos traz algo, nos surpreende e até arrefece (7 de maio de 2021), nesse trajeto do espaço discursivo para se aproximar do nós (endogrupo).

O aumento do número de leitos de UTI ocupados representa o resultado dessa força contrária. E a população precisa ter força para resistir a esse impacto, logo, não pode relaxar. Aqui a expressão “não relaxar” está no sentido de continuar exercendo força contra o antagonista. E a expressão modal “não podemos” é um impeditivo, uma imposição de força, um valor deôntico de obrigação da ação da população. Uma força imposta no mundo sociofísico (Ferrari, 2011, p. 85)

ANT: Pandemia / AGO: Sociedade capixaba / *Resultado da oposição de forças*: aumento o número de leitos ocupados / Resultado para ação

Quadro 1- Representação da interação de forças

Fonte: dados da pesquisa

A força do vírus é algo que cresce e só é possível saber se o vírus está mais “forte” pela testagem. É o que está na fala do dia 11 de maio de 2020, na fala: “poder medir nas próximas testagens se o se a se o vírus cresceu na na contaminação do Espírito Santo, se ele se manteve, se ele diminuiu e medir a força desse crescimento”. Isso mostra que as próprias pessoas da sociedade capixaba, uma vez infectadas com o vírus, podem ser também uma força antagonista ao próprio corpo social. Dessa forma, deixam de ser força interna do agonista e passam a ser força externa do antagonista. Essa força antagônica precisa ser bloqueada. É o que afirmou o secretário de saúde Nésio no dia 25 de setembro de 2020: “nós vamos poder num momento de eh da fase de recuperação da doença *bloquear com mais qualidade* os as pessoas contaminadas pelo covid”. Aqui cabe a metáfora específica PESSOAS CONTAMINADAS COM O VÍRUS DA COVID-19 SÃO FORÇAS ANTAGONISTAS A SEREM BLOQUEADAS.

ANT: Pessoas contaminadas pela COVID-19 / AGO: Sociedade capixaba/  
Sistema de saúde / *Resultado da oposição de forças*: bloqueio da  
pessoas / impedir a propagação da doença – Resultado para inação

#### Quadro 2- Representação da interação de forças

Fonte: dados da pesquisa

A pressão gerada pela força pode ser causada por vários fatores. O cidadão capixaba é um agente causador da pressão em sua individualidade. É o que coaduna o governador com o seu secretário Nésio, no dia 18 de maio de 2020: “porque se você diminui a interação, se você eh não propaga o vírus, se você não adquire o vírus, você está eh nos ajudando, porque *não vai nos pressionar por leitos de de UTI, né?*”.

Pela fala pode-se inferir que adquirir o vírus é pressionar o sistema de saúde, isso evoca um desdobramento da metáfora conceptual PACIENTE COM VÍRUS É FORÇA EXERCIDA SOBRE SISTEMA DE SAÚDE. Uma pessoa, por meio de sua disciplina em seguir ou não os protocolos da pandemia, pode exercer força tamanha a provocar pressão sobre um sistema de saúde? Fisicamente, não. Mas metaforicamente sim. E essa construção de pensamento metafórico não é neutra, tem uma força argumentativa a favor da abertura de leitos de UTI. Observe que em 30 de abril de 2021, novamente há uma personificação da quarentena com causadora da redução da pressão no sistema de saúde: “Então assim nós estamos dizendo que a quarentena está produzindo um resultado, *está diminuindo a pressão.*” Isso evoca a metáfora: QUARENTENA É ABERTURA NO SISTEMA DE SAÚDE PARA DIMINUIR PRESSÃO.

### O mal iminente: limitação da capacidade do contêiner – contêiner inflado - colapso

A metáfora SITUAÇÃO-PROBLEMA É CONTÊINER PRESSURIZADO surge da situação-problema: incapacidade de atendimento do sistema de saúde. A própria *Cartilha-ES*, ao explicar sobre o mecanismo de ações para “achatar a curva da epidemia” mostra que a capacidade de um sistema para atender a um público, ou seja sua eficiência, está diretamente ligada à iminência de uma pressão sobre ele (Espírito Santo, 2020, p. 3). Isso funciona com uma lógica de proporcionalidade: quanto mais pressurizado o contêiner mais ineficiente o sistema/instituição. Diante disso, é produtivo um discurso para redução da pressão sobre um sistema com a penalidade de um possível colapso, sua ineficiência.

Outrossim, a proximização temporal é a estratégia base para mostrar à população a iminência do mal. É estratégia que comprime o tempo para o “agora”. Aqui são feitas duas mudanças: i) do passado para o presente e ii) do futuro para o presente. No discurso em análise o tempo do colapso está próximo e isso é mostrado de

diversas formas pela compressão do eixo do tempo. Segundo Cap (2013, p.100): “interpretações temporais são forçadas, por exemplo, quando há necessidade de potencializar o apelo de ameaça por meio a interpretação de sua iminência e, portanto, uma necessidade de reagir prontamente, no quadro do ‘agora’”. Assim, se a Pandemia cresce constantemente é a inclinação da ameaça para o agora, se a população está “à beira do colapso” também se encontra no tempo do agora. A própria imagem da cartilha ES, a curva da epidemia (figura 1) apresenta casos desde o início da Pandemia, traz o passado recente (início da situação) para o “agora”. O relato do colapso de outros sistemas de saúde de outros países vistos como boas referências também estrutura o efeito dominó de proximidade temporal, pois o próximo sistema poderá ser o sistema capixaba.

No dia 30 do mesmo mês ele já apresenta um exemplo de um sistema que colapsou, Nova York. E a causa do colapso está na demanda muito forte sobre o sistema de saúde, ou seja, a demanda é uma força sobre o sistema, este que é visto em termos de uma estrutura física, como uma construção. O que evidencia a metáfora INFRAESTRUTURA É EDIFÍCIO (Hart, 2010). Essa força exercida sobre o sistema é a força do vírus, da pandemia. Isso é medido segundo seu crescimento que por sua vez é medido pelos testes. Assim, os testes mensuram o tamanho do impacto provável do iminente colapso.

Aqui importa recortamos o verbo *colapsar* e suas derivações nos trechos apresentados anteriormente. No dicionário Houaiss apresenta um significado para um ser vivo “ter uma quebra ou diminuição súbita na força vital, no vigor, no estado físico geral ou no autocontrole, em razão de causas físicas ou psicogênicas” ou ainda “entrar em estado de profunda prostração (física ou mental) ou desfalecer”<sup>13</sup>. Já no Priberam há significados para estrutura física “destruição ou derrocada de uma estrutura (ex: o sismo provocou o colapso de muitos prédios)”<sup>14</sup>. Tanto para desfalecer, se prostrar, quanto para destruição de uma estrutura, figura-se a imagem de algo vindo ao chão, de cair, do movimento de cima abaixo. No próprio Priberam, a explicação etimológica de colapso é do latim: “*colapsus*, -a, -um, particípio passado do verbo *collabor*, -labi, cair com, desabar, desfalecer”<sup>15</sup>. A iminência (possibilidade) do sistema vir ao chão, colapsar, é o que alimenta a argumentação do governador para a população continuar usando máscara, fazendo isolamento e vacinando. Vir ao chão, cair está diretamente relacionado às metáforas de poder de Goatly (2007). A própria ideia de construção de um edifício envolve altura e altura envolver poder, sucesso de uma nação, de um povo. Tudo que está ereto está em cima está controlado, o que desaba, vem ao chão cai, perde o controle, é o colapso. É por isso que

<sup>13</sup> Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1)

<sup>14</sup> Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/colapso#:~:text=Destruir%C3%A7%C3%A3o%20ou%20derrocada%20de%20uma,o%20colapso%20de%20muitos%20pr%C3%A9dios>

<sup>15</sup> “colapso”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/colapso>.

Se altura é uma metáfora para sucesso, poder, status e importância, então a perda dessas qualidades é um movimento para baixo. Queda significa 'falhar, ser derrotado e perder o poder' (por exemplo, o governo caiu depois de perder o apoio dos sindicatos), cair e cair significa 'falhar', queda 'fracasso', cair 'falhar completamente', como os sinônimos quebrar e colapsar<sup>16</sup>(Goatly, 2007, p. 38 - tradução nossa)

Dessa forma, não conseguir atender a todos os capixabas é falhar na gestão da pandemia, é cair, é colapsar o sistema, vir abaixo a construção que não aguentou o peso da pressão. É por isso que essa estrutura, o sistema de saúde precisa ser fortalecida, para se manter de pé e não cair, não vir ao chão.

## A proposta de ação 1: o alívio do contêiner

Trata-se da metáfora ABRIR LEITO É VÁLVULA DE ESCAPE PARA A PRESSÃO NO SISTEMA DE SAÚDE ou ainda A INCAPACIDADE DE ATENDIMENTO DO SISTEMA DE SAÚDE PARA COVID-19 É PESO e então “abrir leito” é aliviar o sistema desse peso.

Sabe-se que a expressão “abrir leito” vem do jargão dos profissionais da área de saúde com o sentido de institucionalizar leitos. Porém, defendemos aqui que, no curso das falas analisadas, essa expressão ganha uma ampliação semântica. Diante disso, a hipótese levantada é a de que a escolha do verbo “abrir” no contexto do esquema imagético referido trata-se de um recurso retórico argumentativo para justificar a gestão do governador em relação ao seu posicionamento contrário ao hospital de campanha e em relação à defesa de abertura (disponibilidade) de leitos já nos hospitais existentes no estado na sua gestão. E se há possibilidade de se abrir o leito, então LEITO DE UTI É UM RECIPIENTE. Assim, expressões como “abrir 300 leitos de UTI” (24/03/20); ou “abertura de leitos” (12/03/21) são veículos metafóricos que licenciam essa metáfora. No *corpus* da tese, no total, a instanciação da metáfora LEITO DE UTI É RECIPIENTE aconteceu pelos veículos metafóricos: “abrir leitos”, “abrir hospitais”, “abertura de leitos”, “abrindo leitos”, no total, foram 71 ocorrências.

É importante observar os potenciais efeitos de sentido do verbo *abrir*. O Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, em formato *online*, apresenta uma ampliação para o verbo <sup>17</sup>“abrir”. São 44 significados a partir de esferas diferentes como a náutica, a informática, a jornalística, a fonética, além do uso coloquial da língua. Abrir, vem do latim *aperire*. Em destaque há uma significação no sentido de “abrir = tornar algo acessível”. (Michaelis, 2022)

Fisicamente, inserir mais elementos no recipiente é promover a explosão, não aliviar a pressão. Metaforicamente, inserir mais leitos de UIT no sistema é promover o alívio. Há aí uma inversão do esquema “dentro e fora” e da posição dos elementos

<sup>16</sup> No original “If height is a metaphor for success, power, status and importance, then loss of these qualities is movement downwards. Fall means ‘fail, be defeated and lose power’ (e.g. the Government fell after losing the support of the unions), fall down and fall down on mean ‘fail’, downfall ‘failure’, fall flat ‘fail completely’, as do the synonyms crash and collapse.” Nossa tradução.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=QyP>

que promovem a pressão. Devido a essa extensão do sentido físico do conceito de pressão, produzida pelos discursos de Casagrande, defendemos que a expressão “pressão no sistema de saúde”, em conjunto com a expressão “abrir leitos de UTI” são evidências linguísticas de uma construção não literal, mas sim metafórica. A essência da metáfora está justamente nesse descolamento, nessa transferência de sentido: PRESSÃO NA FÍSICA (ÁREA ESPECÍFICA) X PRESSÃO NO SISTEMA DE SAÚDE.

## A proposta de ação 2: o fortalecimento do contêiner

Definidas as entidades de força, importa apresentar a intensidade (grandeza) de força de cada entidade. Para isso, a população capixaba é focada como um estado (uma parte) diante da força de um país. No dia 11 de abril de 2020, com o propósito argumentativo de apresentar a ausência de comando do presidente Jair Bolsonaro em relação à gestão nacional da Pandemia, o governador afirma “nossas forças são pequenas, né? São poucas, nós eh, precisamos de ter uma coordenação nacional, né?”. Assim a “coordenação nacional” é vista aqui em termos de força interna do agonista para resistir ao impacto da “crise mundial”. Aqui são apresentadas as “paredes” do contêiner, do edifício, as bases para sua sustentação, para se manter de pé e resistir à força antagônica.

Após apresentar a necessidade de se aumentar a força, o discurso vai desenvolvendo as fontes geradoras de força. No dia 1 de abril de 2020, a disciplina foi apresentada como uma força que deve ser exercida pela população: “vamos fazer também um controle e diminuir o impacto eh das da do contágio se a gente tiver disciplina. Se nós não tivermos disciplina, o impacto será muito forte.” Aqui o antagonista é materializado como o “contágio” e sua força como a possibilidade de “impacto”. A disciplina é a força focal, ou seja, a força do agonista para reduzir o impacto do antagonista “contágio” e manter o controle.

A disciplina é uma fonte de força para o corpo social da sociedade capixaba. No dia 14 de agosto de 2020 ele afirma: “Quero me reunir com os municípios, com prefeitos, com vereadores, com entidades da sociedade, igreja, setor eh dos trabalhadores, dos empresários, quero me reunir com as diversas *forças vivas* da sociedade capixaba”. Evoca-se aqui a metáfora específica: MUNICÍPIOS, PREFEITOS, VEREADORES, IGREJA, TRABALHADORES, EMPRESÁRIOS SÃO FORÇAS VIVAS DA SOCIEDADE CAPIXABA. Originária da metáfora PESSOAS E INSTITUIÇÕES SÃO FORÇAS. Essa expressão “forças vivas” já fora mencionada pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello e analisada à luz da dinâmica de forças e da metáfora PODER É FORÇA por Luques (2010). São as forças que, aliadas da equipe de governo, o sustenta no poder, conforme o jogo de apoio político. PODER É FORÇA seria uma *chave conceptual*, segundo Charteris-Black (2004, p.244) para a metáfora conceptual PERDA DE PODER POLÍTICO É PERDA DE FORÇA (Luques, 2010, p. 79)

ANT: Pandemia / AGO: Prefeitos, vereadores, entidades da sociedade, igreja, setor dos trabalhadores, dos empresários

### Quadro 3- Representação das entidades de forças

Fonte: dados da pesquisa

Além de abrir leitos de UTI para aliviar a pressão e distanciar a população do mal iminente, o discurso de Casagrande inclina-se para o fortalecimento do próprio sistema de saúde. Ou seja, a criação de uma força interna, força de reação à força antagônica da Pandemia. Essa força possui ramificações veiculares metafóricas com construções como “fortalecer X”, “é preciso fortalecer X”, “X fortalecido (a)”. No que concerne aos investimentos financeiros no sistema de saúde, podemos inferir a metáfora INVESTIMENTOS FINANCEITOS SÃO FORÇAS. Isso é visível em trechos, por exemplo: “temos uma rede assistencial muito *fortalecida*” (6 de abril de 2022); “*fortalecer* a atenção primária pra gente melhorar a prestação de serviço da saúde [...]” (dezembro de 2020).

## Mapeamento entre domínios e perspectivação

Lakoff e Johnson (1980, p. 10) chamam de “highlighting and hiding” como base para “metaphorical systematicity” a projeção parcial entre domínios que pode ser estruturada tanto pelo compartilhamento mais abrangente, dentro de uma cultura, quanto deliberadamente desenvolvido para um evento discursivo específico e situado, como nas metáforas situadas. Essa projeção se dá pela seleção de elementos específicos do domínio-fonte. (Vereza, 2020). Se essas projeções são parciais, então a fórmula da metáfora poderia ser “X É (PARCIALMENTE) Y”, ou DOMÍNIO-ALVO É (PARCIALMENTE) DOMÍNIO-FONTE (ALMEIDA, 2020, p. 371). Diante disso, apresentamos a seguir uma proposta dos mapeamentos encontrados nos discursos analisados de Casagrande no contexto da metáfora conceitual maior SITUAÇÃO-PROBLEMA É CONTÊINER PRESSURIZADO, sua especificação para SISTEMA/INSTITUIÇÃO INEFICIENTE É CONTÊINER PRESSURIZADO e SISTEMA DE SAÚDE É CONTÊINER PRESSURIZADO.



SITUAÇÃO-PROBLEMA É CONTÊINER PRESSURIZADO SISTEMA/INSTITUIÇÃO INEFICIENTE É CONTÊINER PRESSURIZADO SISTEMA DE SAÚDE É CONTÊINER PRESSURIZADO	
Domínio-fonte – contêiner pressurizado	Domínio-alvo – sistema de saúde
1- Pressão / força externa sobre o contêiner	Pandemia – força natural Pacientes – pessoas infectadas/ com suspeita da doença Cidades do interior do estado do Espírito Santo – força (pressão) sobre a Grande Vitória Pessoas que sofrem acidentes (trauma)
2- Força interna do contêiner – para reagir à força externa – regular a pressão	Investimento no sistema de saúde, abertura de leitos de UTI, investimento na atenção primária para COVID-19 (prestação de serviços)
3- Aferição da pressão	Taxa de ocupação de leitos
4- Conteúdo do contêiner	Leitos de hospital para Covid 19 ocupados Pacientes / médicos/ profissionais da saúde Sistema virtual – cadastro/ hospitais
5- Alívio da pressão	Abertura de leitos – leitos desocupados - quarentena
6- Explosão do contêiner	Colapso no sistema de saúde
7- Abertura do contêiner	Leito (abertura de leitos)
8- Controle da pressão	Controle de leitos ocupados e desocupados
9- Pressão alta	Aumento do número de leitos ocupados – sistema doente - iminência do colapso Incapacidade do sistema de saúde
10-Redução da pressão	Controle da transmissão
11- Movimento da moléculas no recipiente	Giro dos leitos (ocupados e disponíveis/abertos)
12- Abrir espaço interno para reduzir a pressão (Lei de Boyle)	O leito equivale ao “espaço” dentro do contêiner para “reduzir a pressão”

Quadro 4- Mapeamento para a metáfora SITUAÇÃO-  
PROBLEMA É CONTÊINER PRESSURIZADO

Fonte: dados de pesquisa

O discurso analisado não é de uma pessoa que enfrenta uma doença, ou seja, está doente, mas de um gestor que precisa gerenciar um sistema de saúde, portanto o foco da dinâmica de forças no contexto da situação-problema estará para uma instituição, o sistema de saúde. Isso é fundamental para o mapeamento e a sistematização da metáfora como forma de analisar como a realidade foi “construída”, “enquadrada” pelos discursos de Casagrande.

Assim como Semino (2008) afirmou, que as metáforas servem para dramatizar eventos, Charaudeau (2005) desenvolveu, enquanto questão patêmica, que a dramatização é o processo de tentar despertar emoções no público, ou seja, como

tocar o outro. Trazendo para o discurso analisado, podemos inferir que a dinâmica do colapso, estruturada pela dinâmica de forças e pela metáfora conceptual SITUAÇÃO-PROBLEMA É CONTÊINER PRESSURIZADO, esteve a serviço da dramatização da situação do sistema de saúde no contexto da Pandemia. Era preciso apresentar para a população a gravidade da superlotação do sistema de saúde local. A Pandemia não se resumia apenas na morte do familiar ou do vizinho ao lado. Tratava-se de um caos na saúde do mundo inteiro, mas que cada estado deveria administrar. A saúde não se resume a uma abstração de um corpo (saudável ou não), nesse contexto, mas sim à complexidade de um sistema, de uma macroestrutura e era preciso apresentar uma estrutura mental, um mapeamento cognitivo, para a população que desse conta dessa experiência tão incomum. A dinâmica do colapso, pelos discursos circulantes de “pressão sobre o sistema de saúde”, “abertura de leito”, “colapso no sistema”, alimentou a angústia corrosiva de se pensar em ir ao médico e não poder ser atendido (mesmo particular) por falta de capacidade do sistema. Não basta ter o médico. No frame do hospital, o médico só atua no cenário completo. O governo deveria providenciar esse “cenário completo”. A dinâmica do colapso é a “desordem social” apresentada por Charaudeau (2006), da qual se origina um mal (a ineficiência do sistema), um inimigo (a Pandemia e as pessoas que não seguem os protocolos de segurança) e uma solução salvadora: a abertura de leitos de UTI como prioridade em detrimento ao hospital de campanha, como direcionamento específico da gestão de Casagrande e direcionamento argumentativo de seu discurso. Para isso, era necessário apresentar a cada pronunciamento a iminência do colapso do sistema local, bem como apresentar exemplo de outros sistemas mais fortes, como da Espanha e de outros países. Isso confere o que Aristóteles orientava quanto à necessidade de o orador colocar o público na “disposição de espírito do temor”, mostrando-lhes que outros mais fortes que eles sofreram. Todas essas ações de linguagem concorrem para que a cada discurso do período pandêmico fosse uma dose de um entorpecente que criasse a sensação da expectativa da existência de um mal, de uma tragédia prestes a acontecer, de um fator desencadeador de um temor gerador de angústia: não ter a dignidade de ser atendido em um sistema de saúde. Essa é a base profunda do frame de argumento da rede de segurança em saúde de que postula Lakoff (2006). Casagrande apenas cria seus contornos pela superfície do frame de argumento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação da dinâmica do colapso, dada a dinâmica de forças de Talmy (2000) e da metáfora conceptual SITUAÇÃO-PROBLEMA É CONTÊINER PRESSURIZADO, mostrou que a cognição está a serviço da estratégia discursiva da retórica do temor. O temor, já apresentado por Aristóteles, é uma das paixões capaz de provocar mudança no público: talvez despertar o medo. A situação-problema da Pandemia

de modo geral requeria uma mudança da população, uma mudança de forma de vida, uma mudança para ação direcionada: usar máscara, fazer isolamento físico, evitar deslocamentos ou atividades que possam facilitar idas a hospitais como casos de acidentes, entre outras atividades.

A estratégia discursiva de proximização temporal e espacial estruturou-se da seguinte forma. Quanto à pressão sobre o sistema de saúde, o impacto significou a proximização espacial, a própria invasão da doença (exogrupo) no território da população (endogrupo –centro dêitico). O mal iminente, o colapso, representou a proximização temporal, a compressão do eixo temporal para o “agora”, a maximização da consequência da ameaça. O “alívio” representou a tentativa de distanciar-se do mal iminente (colapso), de atrasar esse tempo do agora, materializado pelas ações políticas de abertura de leito e de disciplina da população (isolamento social). De igual forma foi o fortalecimento das paredes do contêiner, outra forma de legitimação da ação política para distanciar-se do mal iminente e justificar investimentos financeiros.

Soma-se a essa situação problemática os bombardeamentos morais contrários a essas ações que negavam o isolamento físico, o uso de máscara e posteriormente a vacinação. A situação implorava uma retórica para uma ação direcionada. A situação requeria uma retórica do temor, a sinalização dramática da chegada de um mal iminente. Caso contrário, a situação poderia “estourar na mão de alguém”, na gestão de alguém. A dinâmica do colapso, da pressão sobre o sistema de saúde, inferimos, foi uma das construções cognitivas para se compreender a complexidade problemática dessa realidade tão singular que ao mundo desafiava e a cada estado, no caso do Brasil, apontava para uma reinvenção na comunicação da gestão de uma rede de segurança de uma doença. Uma dose de temor pode ser uma boa prevenção para evitarmos profundos terrores mortais.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, A. A. D. (2021). Estamos sempre em guerra? Estudo Cognitivo sócio- histórico de uma metáfora da Gripe Espanhola e da Covid-19. *Estudos Linguísticos E Literários*, 69(especial), 366–395. <https://doi.org/10.9771/ell.v0i69.44310>
- ARISTÓTELES. (2000). *Retórica das paixões* (I. B. B. da Fonseca, Trans.). Martins Fontes.
- Cap, P. (2013). *Proximity: The pragmatics of symbolic distance crossing*. John Benjamins.
- Casagrande, J. R. (2023). *Discursos de pronunciamento*: Transcrição dos discursos de março de 2020 a abril de 2022. Google Drive. [https://docs.google.com/document/d/16KbRJhx3V2kd5ycnIRmXv3H\\_yNMdc15V/edit?usp=share\\_link&ouid=102734027310574152754&rtopof=true&sd=true](https://docs.google.com/document/d/16KbRJhx3V2kd5ycnIRmXv3H_yNMdc15V/edit?usp=share_link&ouid=102734027310574152754&rtopof=true&sd=true)

Casagrande, J. R. (2023). *Link dos vídeos de março de 2020 a abril de 2022*. Google Drive. <https://docs.google.com/document/d/1AylWciAiXI3EUvugb32u500k93Glb8Pm/edit#heading=h.30j0zll>

CHARAUDEAU, P. (2006 a) *Discurso das mídias*. (A. M. S. Corrêa, Trans.). Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2006 b) *Discurso político*. (F. & D. F. da Cruz. Trans.). Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2007) *Pathos e o discurso político*. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (orgs.). *As emoções do discurso*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 240-309

CHARAUDEAU, P. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sG4Lbzt9nXI&t=4927s> 2020 . Acesso em 1 de agosto de 2023

CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and Rhetoric*. London: Palgrave, 2005

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. London & New York: Palgrave MacMillan, 2004.

CROFT, William; CRUSE, Allan. *Cognitive Linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, William. *Verbs: Aspect and Causal Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

ESPÍRITO SANTO. *Estratégia de mapeamento de risco e medidas qualificadas no Espírito Santo*. Governo do Estado do Espírito Santo. Centro de Comando e Controle Coronavírus COVID-19, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.es.gov.br/Media/Coronavirus/Downloads/Cartilha-COVID19.pdf>

FERREIRA, Luiz Antônio. *Contornos retóricos do medo*. In: A retórica do medo. Org. MAGALHÃES, A.L.; FERREIRA, L.A.; FIGUEIREDO, M.F.. 2ª edição. Franca, SP: Cristal/São Paulo: Grupo ERA, 2015.

GOATLY, Andrew. *Washing the Brain: Metaphor and Hidden Ideology*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam, Philadelphia, 2007

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. *Exclusão e inclusão na mídia paulista: uma análise cognitivo-retórica da construção dos rolezinhos na Folha de S. Paulo*. In: AQUINO, Zilda; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (org.) *Estudos do discurso: caminhos e tendências*. São Paulo: Paulistana, 2016, p. 134-158.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. *A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise*. Letras, Santa Maria, v. 27, n.54, jan./jun., p. 69-100, 2017.

HART, Christopher. *Critical Discourse Analysis and Cognitive Science: New Perspectives on Immigration Discourse*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

HART, Christopher. *Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives*. London: Bloomsbury, 2014.

KÖVECSES, Zoltán. *Where metaphors come from: reconsidering context in metaphor*. New York: Oxford University Press, 2015.

KÖVECSES, Zoltán. *Extended Conceptual Metaphor Theory*. Eötvös Loránd University. Cambridge University Press, United Kingdom, 2020.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas: Mercado de Letras: Educ, 2002.

LUQUES, Solange Ugo. *Metáfora e argumentação: uma análise crítica do discurso político*. Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo- São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10012011-130728/pt-br.php>

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SEMINO, Elena. *Metaphor in Discourse*. University Press, Cambridge-UK, 2008.

TALMY, Leonard. *Force dynamics in language and cognition*. Cognitive Science 12, Berkeley, University of California, p. 49-100, 1988.

TALMY, Leonard. *Towards a cognitive semantics*. v. 1. Cambridge: MIT Press, p. 409-470, 2000. VEREZA, Solange Coelho. Metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da Pandemia de Covid-19. *Estudos Linguísticos e literários*. Nº 69, NÚM. ESP. | 2020, Salvador: pp. 52-89, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44288> . Acesso em 9 de julho de 2023.